



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

AUTO-BIOGRAFIA, HONRA, SENTIMENTOS, GÊNERO: A EDUCAÇÃO DO CORPO FEMININO NAS ONDAS SONORAS DO RÁDIO E NAS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS

Dra. Eronides Câmara de Araújo-
UFCG

Muito bom dia, dona Maria. Hoje 26 de agosto, são seis horas e dois minutos. Está entrando no ar o seu programa matinal favorito (...) Estou aqui de novo na sua casa, sentindo o cheirinho gostoso do seu café...

1. Introdução

Com essas palavras da epígrafe acima, a voz forte e educada de um locutor de rádio nos anos 50, entrava em muitas residências na cidade de Campina Grande – Paraíba, Brasil e possivelmente, muitas mulheres imaginavam ter encontrado o homem dos seus sonhos. Era o que contava dona Emilia Paulino, minha primeira ex-sogra. Nos anos cinquenta, do século passado, dona Maria, a sogra de dona Emilia era viúva. Ela escutava o rádio todos os dias e passou a sonhar em casar com aquele homem, atencioso, gentil, de voz doce, aveludada e amável.

Um homem possivelmente diferente do finado marido dela, que educado por uma cultura patriarcal havia nela fecundado trinta e três filhos. A viúva encantada pela voz do locutor fez o enxoval aguardando o dia em que aquela voz, entrasse de verdade na sua casa e lhe pedisse em casamento. Ela faleceu, levando com ela a magia das ondas sonoras do rádio. Mas o rádio não só proporcionava o encantamento como o de dona Maria, sua programação contribuiu para educação de gêneros.

Este texto tem como objetivo discutir o tema da educação de gênero, problematizando as minhas experiências, as de meus irmãos e irmãs, através da programação radiofônica produzida nos anos 50 e 60 do século passado na Paraíba,

¹ Memórias femininas sobre os programas radiofônicos em Campina Grande –PB nos anos 50.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

mais especificamente, em Juazeirinho - cidade pequena do interior nordestino, como também a pedagogia musical da época e as brincadeiras de crianças. Estas duas formas de sociabilidade e de comunicação produziu a diferenciação de gênero. Este trabalho constitui um item da minha tese de doutorado defendida em 2011. Do ponto de vista das fontes, utilizei minhas memórias, compartilhadas com as memórias da minha família; trabalhei algumas canções que foram veiculadas na época e analisei também capítulos da rádionovela “O direito de nascer.” Os resultados apontaram para uma educação pela qual se definiam ‘os papéis’ de gêneros baseados em valores para defender a virgindade e a honra feminina. Este texto está dividido em duas partes: a primeira discutindo a produtividade das subjetividades da programação do rádio e a segunda, discutindo as brincadeiras de crianças. As duas, cada um a seu modo, produziram uma educação de gênero.

2. A educação do corpo feminino pelas ondas sonoras do rádio

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil ocorreu em 1922. Depois da primeira guerra mundial, mais precisamente a partir dos anos 30, o rádio tornou-se um instrumento cultural de entretenimento, sociabilidade e de massa, mas também um instrumento de poder para educar e produzir modelos de condutas, em especial o comportamento feminino. O rádio tornou-se um instrumento para normatizar modelos de condutas, através de sua programação. Com uma programação diversificada, o rádio operacionalizou os mais diversos sentimentos e atitudes. As rádionovelas eram uma atração de destaque. Elas motivaram não só mudanças nas sociabilidades, mas também construiu a idealização de comportamentos sociais e da produção de sentimentos para o feminino e de atitudes para o masculino. Além disso, através da publicidade, o rádio abriu possibilidades para outra forma de produtividade cultural: o consumo. Em um estudo realizado na cidade de Fortaleza nos anos 50 e 60 do século passado por Andrade e Silva, (2008):

As rádionovelas anunciavam os produtos eletrodomésticos, os programas de auditório sorteavam brindes que variavam da colônia AQUA-VELVA aos óculos ray-ban, os humorísticos distribuíam o refrigerante GRAPETTE e os



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

rádio jornais recebiam o patrocínio de grandes empresas. Os principais anunciantes eram lojas de departamentos, restaurantes, lanchonetes, farmácias e produtos alimentícios. Locutores, apresentadores, rádioatores e rádioatrizes, homens e mulheres vindos da classe média e em alguns poucos casos até das classes populares passavam de anônimos a pessoas de sucesso, reconhecidos, admirados e aclamados nos clubes, nos bares, nos bailes e na rua (p.9).

Na minha residência nos anos 50 e 60 possuíamos um rádio de marca SEMP, com caixa de madeira desenhada com fios dourados e com quatro faixas. Aos domingos ouvíamos o programa “CLUBE DO PAPAÍ NOEL”. O clube do Papai Noel era um programa radiofônico de auditório “[...] freqüentado pelo público no antigo auditório da Rádio Borborema, situada no edifício São Lucas (esquina do calçadão da Cardoso Vieira, em Campina Grande-PB)”. Ele era comandado pelo radialista Eraldo Cesar com muitas brincadeiras infantis e distribuição de brindes.

Durante a semana e depois do almoço, na minha casa, as mulheres se reuniam na sala para ouvir as novelas radiofônicas. Neste texto analiso uma delas, -“O DIREITO DE NASCER”, - na qual marcou momentos de emoções na cidade, mas principalmente serviu como experiência educativa nas relações de gêneros. A rádionovela representada por vários personagens, entre eles, “Mamãe Dolores”, mulher negra que ficara responsável para cuidar de Alberto, filho de Maria Helena, a qual havia sido engravidada e abandonada por Alfredo, resultando no enclausuramento de Maria Helena no convento. O pai de Maria Helena passou a odiar a criança e a perseguiu por muito tempo, trazendo muitos transtornos para “Mamãe Dolores”.

A criança nascida fora do casamento, a mãe solteira confinada no convento, o abandono da noiva pelo noivo porque ela havia sido desvirginada antes do casamento, os castigos do pai da Helena à criança e os cuidados da negra ‘Mamãe Dolores’ para com a Alberto constituíam a trama da novela, que fora cerzida pela questão da honra e da desonra familiar. A personagem que lutava contra os códigos masculinos era ‘Mamãe Dolores’. Ela havia criado e educado Alberto como filho que se tornou um excelente médico, profissão desejada para os filhos na época por muitas famílias.

Nas ondas sonoras do rádio, as ações pedagógicas deveriam servir como exemplo para evitar a perda da virgindade. É bem verdade que as mulheres desvirginadas não eram mais despejadas em convento ou em asilos, consideradas como doente mental,



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

como acontecia freqüentemente no século XIX, resultante da ninfomania (ROHDEN, 2001). Essas e outras questões já haviam sido subvertidas pelas ‘mulheres modernas’, mas os perigos da desonra familiar e de ser uma mãe solteira eram os mesmos. A rádionovela era uma ação pedagógica para o feminino, pois produzia sentimentos como o medo, a precaução e principalmente, os cuidados de si na relação com o masculino para não ‘cair na buraqueira’, ou seja, para não perder a virgindade e ‘tornar-se uma prostituta’ pois o sexo livre era considerado um ‘direito natural dos homens, enquanto esta prática para as mulheres estava associado a prostituição. A justificativa de associar sensibilidade à fragilidade contribuiu como ação pedagógica das diferenças entre os gêneros ao lidar com os sentimentos. Os sentimentos de tristeza, cumplicidade e raiva invadiam os lares da cidade e os corpos dos ouvintes femininos ao ouvir a trama da novela. Os meus irmãos além de não chorarem, riam das nossas lágrimas, pois homem deveria ser forte, conter a dor e as emoções. Expressar sentimentos não era ‘coisa de homem’. As mulheres tanto choravam por Maria Helena ter perdido seu filho e pelo seu enclausuramento no convento, como expressavam raiva pelo abandono de Alberto e o tratamento que o pai de Maria Helena dava a criança. O homem era concebido como dotado de razão e a mulher, com os traços da emoção, esta última, estigmatizada como o avesso da primeira. Na casa, o espaço feminino, era também o da emoção. A emoção era representada como frágil, por isso ela deveria habitar o privado e o interior. Publicizar as emoções era ‘coisa de mulher’.

O rádio transmitia as rádionovelas preferencialmente, ‘destinadas’ às mulheres, pois o homem não deveria ouvir novelas, elas estavam associadas às emoções, atributos dados historicamente à mulher. Os homens deveriam ouvir músicas, a transmissão de jogo e as notícias do Repórter Esso. Eram entretenimentos que não desqualificavam a identidade masculina, ao contrário, reforçavam o ideal de uma masculinidade baseada na razão e na inteligência, atributos considerados ‘naturais’ do homem, descritos pelo discurso médico, que fortaleciam um perfil masculino baseado na racionalidade.

3. A produtividade de gênero na musicalidade dos anos 60



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A música como entretenimento era uma fonte de expressão dos sentimentos. As músicas mais tocadas na minha cidade durante os anos 60 eram desde os estilos da bossa nova às românticas, como as de Agnaldo Timóteo e Agnaldo Rayol. As mais tocadas nos assustados², eram as de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, como as músicas ‘Festa de Arromba’ e ‘Prova de Fogo’. A música interpretada por Jair Rodrigues no final dos anos 60 e que fazia muito sucesso era ‘Disparada’.

Algumas dessas músicas eram de protesto ao regime militar, mas na cidade de Juazeirinho esse era um tema que nos anos 60, talvez poucos tivessem conhecimento. A letra da música ‘Disparada’ além de fazer várias críticas ao regime militar, também idealizava o seu combatente, o masculino, o homem pronto para lidar com a morte e com o medo, usando da valentia e da força. Essa é uma das heranças típicas dos projetos de expansão das nacionalidades desenvolvidas no final do século XIX, no qual “[...] o campo de batalha era considerado a arena mais importante para modelação do corpo e do espírito de um legítimo varão (OLIVEIRA, 2004, p.28)”,³ como nas estrofes da letra da canção “Disparada” abaixo:

Aprendi a dizer não. Ver a morte sem chorar. E a morte, o destino, tudo. A morte e o destino, tudo. Estava fora do lugar
Eu vivo prá consertar...
Na boiada já fui boi. Mas um dia eu montei. Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse. Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade. Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu...
Mas o mundo foi rodando. Nas patas do meu cavalo. E já que um dia montei.
Agora sou cavaleiro. Laço firme e braço forte. Num reino que não tem rei.

Por outro lado, outro tipo de música fazia parte da programação radiofônica. Era uma música melosa, de composição de Teixeira, intitulada “Coração de luto”, mais tarde, apelidada de ‘churrasquinho de mãe’ que depois foi transformada em um filme com o título “Meu pobre coração de luto” (1967). A música conta a história do cantor Teixeira e, se não era uma composição que compartilhava com o regime militar era

² Eram festas realizadas em salas de estar ou nas garagens. Em Juazeirinho sempre acontecia nas salas de estar e um rapaz conhecido por ‘João de Joca’ era quem organizava. Como ele era bem mais velho e de muita responsabilidade, e como também as festas eram sempre realizadas as tardes, D. Toinha não fazia objeção para que as filhas o frequentasse.

³ Oliveira. Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade- Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro; IUPERJ, 2004.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

por ele foi gratificado por criar novas sensibilidades, como o padecimento e o sofrimento de uma criança ao perder a mãe⁴, como uma produtividade sonora para evitar o envolvimento social e político de seus habitantes.

A música de Teixeira quando tocada pelo rádio atraía tanto adultos como crianças, dentro ou fora da casa. Concluída a música, as lágrimas banhavam os rostos das mulheres e das crianças. Os homens quando expressavam algum sentimento sobre a música de Teixeira era de pena, ou lamentavam o destino e a morte presentes na composição. A música narrava a morte da mãe do compositor e tinha uma parte narrada por uma criança de nove anos que o representava. Ela construía uma representação da mulher na família como ponto de equilíbrio, como responsável pela sua existência. A morte feminina destruía a família. Era o fim do cuidado, do zelo e da proteção aos filhos, atribuições apontadas pelos discursos médicos no século XIX e consideradas típicas da natureza feminina. As emoções definiam as questões de gênero através das ondas sonoras do rádio.

4. As alianças entre a pedagogia dos gêneros e as brincadeiras: o ‘amor ao lar’

As brincadeiras funcionavam como práticas pedagógicas para a construção de gêneros, evidenciadas pela diferenciação sexual. Era na esquina próxima à minha casa onde eu deveria brincar de roda e de toca, mas o espaço que deveria ser mais praticado pelo feminino era na casa ou na extensão dela. Para os meus irmãos, ao contrário, o espaço de praticar as brincadeiras era na rua. A casa era concebida como o espaço da intimidade e da discrição. A rua, como o espaço público e de liberdade. As alianças entre a pedagogização dos gêneros e as brincadeiras contribuía para diferenciar os espaços corporais, as atitudes, os sentimentos e os comportamentos, para tecer os mapas corporais do masculino e do feminino. Essa tessitura de gênero ia definindo também os

⁴ Cf. Rossini, Mirian de Souza. O cinema popular de Teixeira: Um Produtor de Cinema Durante a Ditadura Militar. Disponível no site <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/102YQ8/Rossini%20Miriam%20de%20Souza.pdf> visitado em 11/10/2010.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

valores morais que eram atribuídos a cada um. Os meninos não deveriam participar nem da brincadeira de roda e nem a de toca, pois essa forma de brincar, poderia feminilizar o masculino. Era pela prática da pedagogia da roda, que o feminino deveria subjetivar gestos, hábitos e reconhecer as diferenças entre a masculinidade e a feminilidade. Um exemplo é a cantiga de roda conhecida por Terezinha de Jesus:

Terezinha de Jesus de uma queda foi ao chão acudiram três cavaleiros todos três, com chapéu na mão. O primeiro foi seu pai, o segundo, seu irmão, o terceiro foi aquele a quem Teresa deu a mão. Da laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço, da morena mais bonita quero um beijo e um abraço.

Não havia na letra desta ‘cantiga de roda’ muita coisa que representasse o mundo infantil. Ela apresentava um ideal de masculinidade e de feminilidade. Terezinha com o sobrenome ‘de Jesus’ parecia ser a filha ou a esposa de Jesus, mulher considerada imaculada, pura e virgem. Quando Terezinha, personagem da brincadeira, sofreu a queda, apareceram três cavaleiros que a ‘acudira com chapéu na mão’. A ‘cantiga de roda’ utilizava da pedagogia do gesto, dos hábitos para diferenciar o masculino do feminino. O feminino era apresentado como frágil, sensível, e o masculino como protetor e forte. É uma narrativa que faz referência ao amor romântico (GIDDENS, 1993),⁵ próprio dos romances do século XIX, em que se refinavam as ‘qualidades’ e o comportamento do homem e da mulher.

Para a narrativa da cantiga de roda, um homem deveria ser cavaleiro, cordial e protetor das mulheres. Gesto de um homem romântico, educado e de reverência. O terceiro homem a estender a mão à Terezinha não foi um membro de sua família, embora estivessem presentes na narrativa o pai e o irmão, entretanto, ela aceitou a cordialidade e a força daquele que seria o seu pretendente, para quem ela estava guardando sua virgindade, ou seja, seu possível marido. Uma pedagogia do corpo, pela melodia das cantigas de roda, indicava um homem ideal para uma mulher, como romântico, cortês, protetor, qualificações identitárias que o fazia merecedor de sua virgindade.

⁵ Cf. Giddens, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.1993.- (Biblioteca Básica).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Quase todos os dias eu brincava de rodas. Era a repetição das cantigas, funcionando como verdades sobre meu corpo, pela qual construía as subjetividades como dobras na minha pele e na minha ‘alma’. Este sistema de representações pedagogizado sobre as relações de gêneros, deveria produzir em mim, a conformação, a resignação, atributos identitários para o feminino se relacionar com o masculino.

A política de identidade, praticada pelo o processo de subjetivação e também vivenciada na brincadeira de infância traduzia a pedagogia do trabalho feminino, como a dona de casa, a ‘rainha do lar’, como ‘mulher prendada’. Para chegar a ser a ‘rainha do lar’ a moça tinha que passar por vários estágios, entre eles, talvez, o mais importante, era saber cozinhar para servir aos filhos e ao marido, e, manter a ordem social e a paz na família nuclear. O lar parecia ser considerado o grande desejo das mulheres dos anos 50, justificado, pelo fato, de haver uma afinidade natural entre a mulher e a casa (MIGUEL E TONELI, 2008).⁶

A pedagogia que utilizava o lúdico, pela prática de cozinhar para as bonecas, era uma arte para preparar uma mulher prendada para o amor ao lar, formulação presente nos discursos higienistas. Nas teses defendidas por médicos no século XIX, amar era o objetivo da mulher, pois era uma predestinação da natureza. “È por isso que desde cedo a menina se interessa por boneca, desenvolvendo um sentido que aplicará mais tarde ao marido e aos filhos (ROHDEN, 2001, p.119). Também havia a pedagogização para os meninos. Eles brincavam com carrinhos, com bola (de gude e futebol) e com baleeiras. Eram brincadeiras que ensaiavam a inserção deles no mundo público. Os carrinhos, em geral, eram caminhões. Eles eram artesanais, feitos de madeira ou lata e puxados por um cordão ou um barbante. Eles subiam as ruas, as ladeiras, era um verdadeiro exercício de guerra. Eles competiam entre si para mostrar a melhor manobra, o melhor desempenho ao lidar com o caminhão.

Muitas vezes, os meninos montavam maquetes de estrada, feitas de barro, para subir e descer com seus caminhões. O caminhão era sinônimo de direção, como guiar, comandar e ordenar. Estes atributos para as meninas deveriam ser praticados em outro

⁶Miguel, Raquel B. P e Toneli, Maria Juracy F. De “moça prendada” a “menina super poderosa”: análise das seções de cartas de leitoras da Revista Capricho (1954-2004) História Unisinos- Vol. 12 Nº 2 maio/agosto de 2008 12(2):168-179, Maio/Agosto 2008.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

espaço: a cozinha. Para as meninas, comandar e dirigir, só a casa e de forma estereotipada, ‘os fogões’.

Outros meninos, ainda carregavam os caminhões com caixa de fósforos vazias ou com pedras. Estavam disciplinando seus corpos para o uso da força, para ser respeitado e honrado como homem trabalhador. O manejo com a bola provocava as quedas, e os arranhões. Era a pedagogia para agüentar a dor. ‘Homem que era homem’ não deveria chorar. Atirar de baleeira era coisa de menino, coisa de caçador.

5. Considerações finais

A produtividade da diferença entre gêneros nos anos 50 e 60 do século passado encontrou nas ondas sonoras do rádio, através das radionovelas, da musicalidade e do lúdico, um espaço de educação e de controle social sobre o corpo. A educação sonora exerceu através de sua programação uma educação baseada em uma normatividade pelo qual o corpo feminino deveria ser educado e disciplinado para um modelo de comportamento. As subjetividades produzidas pelas ondas sonoras do rádio foi uma estratégia prescrita pelo discurso médico, no qual os mais diversos discursos sociais (o da educação, da comunicação, da família, da religião etc.) formaram uma rede de formação de subjetividade para produzir um sujeito disciplinado e controlado para um estado social. A diferenciação entre gênero foi tecida como a verdade proveniente de um discurso considerado científico, - o discurso médico - referenciado como representante verdadeiro sobre o corpo feminino. Neste sentido, conceitos como a fragilidade, a sensibilidade, a emoção, a vulnerabilidade, entre tantos outros, foram elencados para a identidade feminina, enquanto os termos forte, valente, destemido, honrado para o masculino. As ondas sonoras do rádio, a musicalidade da época e as brincadeiras de crianças são textos e ou discursos que produziram as relações de gênero, pelos os quais, reforçou a desigualdade, a hierarquia, e o controle social.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR. D. M de. Nordeste **Uma invenção do Falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste -1920-1940)** Maceió, Edições Catavento, 2003.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ALMEIDA, M. V. - Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso no sul de Portugal- **Anuário Antropológico**, 95: 161-190u (Brasil), 95: 161-190, 1996.

ANDRADE, R. M. B. de. SILVA E. H. **A sociabilidade em ondas sonoras: as audiências e o rádio dos anos 50 e 60 em Fortaleza**. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1993.- (Biblioteca Básica).

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**/ Sueann. Caulfield.- Campinas, SP: editora da Unicamp/Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

LOURO, Guacira Lopes - Gênero e Sexualidade – **as múltiplas “verdades” da Contemporaneidade** Programa de Pós - Graduação em Educação UFRGS. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

MIGUEL, Raquel B. P e Toneli, Maria Juracy F. De “moça prendada” a “menina super poderosa”: **análise das seções de cartas de leitoras da Revista Capricho (1954-2004)** História Unisinos- Vol. 12 Nº 2 maio/agosto de 2008 12(2):168-179, Maio/Agosto 2008.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**- Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro; IUPERJ, 2004.

PITT-RIVERS. Honra e posição social In **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. PERISTIANY, J. G. (org). Tradução e prefácio de José Cutileiro. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa, 2ª ed. 1965.FIOCRUZ, 2001.

ROSSINI, Mirian de Souza. **O cinema popular de Teixeira: Um Produtor de Cinema Durante a Ditadura Militar**. Disponível no site <<http://sitemason.vanderbilt.edu/files/102YQ8/Rossini%20Miriam%20de%20Souza.pdf>> visitado em 11/10/2010.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. In **Cultura e subjetividade**. Daniel Lins (org).- Campinas, S. P: Papirus, 1997.

ROSSINI, Mirian de Souza. **O cinema popular de Teixeira: Um Produtor de Cinema Durante a Ditadura Militar**. Disponível no site <<http://sitemason.vanderbilt.edu/files/102YQ8/Rossini%20Miriam%20de%20Souza.pdf>> visitado em 11/10/2010.